



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade UnB de Planaltina**  
**Licenciatura em Ciências Naturais**

# **Sexualidade no nível fundamental II**

## **Desafios na abordagem em sala de aula**

**Por: Willyas Moreira da Silva**

**Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Maria de Lourdes Lazzari de Freitas**

**Brasília**

**Novembro/2017**



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade UnB de Planaltina**  
**Licenciatura em Ciências Naturais**

# **Sexualidade no nível fundamental II**

## **Desafios na abordagem em sala de aula**

**Por: Willyas Moreira da Silva**

**Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Maria de Lourdes Lazzari de Freitas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina.

**Brasília**

**Novembro/2017**

Dedicatória:

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu forças para continuar na luta diária e sempre iluminando meus caminhos para vencer.

À minha amada mãe Maria Benícia que carinhosamente chamo de “Maroca”, uma mulher guerreira que sempre me incentivou nos estudos e que abdicou de uma vida para me dar condições para ser um cidadão íntegro e honesto.

Ao meu companheiro de vida Renato, que sempre me apoiou para que eu pudesse chegar neste momento final com muito louvor.

À minha amiga Alessandra Moraes, que esteve comigo em muitos momentos acadêmicos e que foi grande incentivadora dos meus sonhos.

À minha queridíssima Professora Maria de Lourdes que sempre teve paciência para escutar minhas lamentações acadêmicas e pessoais, me destes orientação para seguir em frente, sempre com serenidade e sorriso no rosto.

E por último dedico este trabalho aos docentes de todo o Brasil, que lutam diariamente para fazer uma educação diferente.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me dado a oportunidade de ter ingressado na universidade pública, agradeço a oportunidade ter conhecido pessoas maravilhosas durante este percurso. Aos meus amigos de semestre que estiveram comigo durante os árduos estudos nos momentos de tensão para as provas semestrais. Aos professores que estiveram ali e somaram com suas experiências em minha trajetória acadêmica. A minha família que sempre me apoiou e me instigou para que eu fosse adiante e realizasse meu sonho de cursar a licenciatura, e por fim agradeço a mim mesmo por acreditar que seria capaz de alcançar todos meus objetivos.

## Sumário

1. RESUMO-----	05
2. INTRODUÇÃO_____	07
3. OBJETIVOS_____	10
3.1    Geral_____	10
3.2    Específicos_____	10
4. JUSTIFICATIVA_____	11
5. MEDODOLOGIA_____	12
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES_____	13
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS_____	24
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____	26
9. ANEXOS_____	27

## Resumo

Este projeto foi baseado em pesquisa qualitativa onde pode-se avaliar de forma que se subjetive as opiniões ao invés de quantificá-las. “Na pesquisa qualitativa, e vez de iniciar com uma teoria específica e depois “voltar” para o mundo empírico, para confirmar se a teoria é confirmada pelos fatos, o pesquisador começa examinando o mundo social, e nesse processo, desenvolve uma teoria “consciente”, com a qual observa o que acontece”. (SAMPRIERI, COLLADO, & LUCIO, 2013)

Foi pesquisado quanto a percepção de professores que atuam no ensino fundamental, nível II, referente ao tema sexualidade e as limitações que sentem quanto a abordagem do tema. Geralmente, os professores do ensino fundamental passam os conteúdos referentes à sexualidade nos aspectos morfofisiológicos, limitando-se ou excluindo prazer, orientação sexual, gravidez precoce, relação sexual, DST's... Além disso, os temas são abordados superficialmente, ou simplesmente não são abordados, seja lá qual for os motivos do educador ou instituição. O objetivo deste, é investigar quais são as limitações que os professores tem em falar mais abertamente sobre a sexualidade, para que os alunos possam se apropriar do conhecimento sem que seja superficial, e sim concreto e eficaz. Visa-se a possibilidade de alcançar informações para esclarecer por qual motivo existem barreiras quanto ao assunto sexualidade no ensino fundamental nível II.

**Palavra Chave:** Sexualidade, ensino fundamental, adolescentes

## Abstract

This project was based on qualitative research regarding the perception of teachers who work in elementary education, level II, referring to the topic sexuality and the limitations that they feel about approaching the theme. In general, elementary school teachers pass on sexuality content in morphological aspects, limiting or excluding pleasure, sexual orientation, early pregnancy, sexual intercourse, STDs ... In addition, subjects are superficially approached or simply not addressed, whatever the reasons of the educator or institution. The purpose of this study is to investigate the limitations

teachers have in talking more openly about sexuality, so that students can appropriate knowledge without being superficial, but concrete and effective. It is aimed at the possibility of reaching information to clarify why there are barriers regarding the subject sexuality in elementary education level II.

**Keyword:** Sexuality, elementary school, adolescen

## Introdução

Para falar de sexualidade no ensino fundamental de nível II, vem logo a inquietação por parte de muitos professores que temem em falar do assunto, uma vez que os estudantes vêm de suas casas com uma bagagem pouca relacionada ao mesmo. Falar de sexualidade em geografia? História? Matemática? Nem pensar. Assim pensam alguns professores que no ensino fundamental o assunto deve ser tratado por professores de Ciências, será que isso acontece? Já está mais do que na hora de quebrar os paradigmas e começar a tratar a sexualidade de forma mais natural, sem tabu, pois todos os educadores, mediadores do conhecimento tem o dever de falar sobre os assuntos que fazem parte da formação do discente.

Constitui um processo formal e sistematizado, que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (BRASIL, 2000, p.299).

Entrando no campo da ciência natural no que se diz o ensino médio, os professores limitam-se a discutir sobre o assunto, pois este conteúdo ainda gera polemica. Algumas pessoas da sociedade hoje veem o sexo como uma forma “nojenta” por conta da banalização em alguns casos, e, que realmente fica difícil as vezes tratar sobre o assunto.

“Esse comportamento é contraditório com a perspectiva atual, em que o sexo encontra-se em outro extremo: foi tão banalizado que as pessoas não percebem e não valorizam a sexualidade como um todo e encofam-se somente na relação genital.”(COSTA, *et al.*, 1997).

Sexo, quase sempre está relacionado a promiscuidade, dependendo do contexto social que o indivíduo esteja inserido, esquecendo que o mesmo deve ser tratado de forma a promover a saúde sexual. Quando o professor na escola fala de gravidez precoce, muitos se fadam às críticas, se fala pouco em prevenção, gravidez precoce deveria ser mais abrangente, pois nesta faixa de idade que os alunos de 6º ao 9º ano estão entrando no âmbito da “liberdade”, e precisam de informações mais concretas.



A intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1984).

Ainda segundo o autor o poder da informação está nas mãos dos educadores, e que eles devem como ninguém falar sobre determinados assuntos. Orientação sexual na escola é motivo de silêncio, pois os educadores nem sempre estão preparados para discutir o assunto, acham que é motivo até mesmo de piadas, uma vez que a orientação parte, pelo lado do sujeito. Ao tratar tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano.

Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 2000, p. 73).

Vale ressaltar que o assunto orientação sexual já é tratado em casa, repassado pelos familiares em forma de valores, que esperam que estes adolescentes o assumam. Não se pode esquecer que é dever da escola abordar distintos pontos de vistas em relação a este assunto. O estudante deve questionar e ser questionado em relação a sexualidade para que este trilhe seu próprio caminho. O professor que planeja suas ações pedagógicas, não precisa ter receio de trabalhar o tema, porém, é necessário que tenha cautela para não entrar na intimidade do estudante, se não ao invés de aproximar o estudante para que sanem suas dúvidas, vai apenas afasta-los e conseqüentemente irá contribuir com a falta de informação. Os estudantes são bombardeados a todo momento com a temática sexualidade por todos os veículos de comunicação tais como: internet, televisão, rádios, ..., bem como a família impregnada de informações construídas por uma sociedade e cultura. A sexualidade está inserida em vários campos de uma comunidade, seja ela na música, numa arte impressa, nas vestimentas que certa comunidade adota. Segundo os PCN's de orientação sexual:

A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade. (BRASIL, 2000, p 297)

Assuntos atuais e que a sociedade ainda se omite devem ser tratados em sala de aula; homossexualidade, drogas, DST's, são tratados superficialmente por professores, mas respaldados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN's. Em contrapartida os professores focam muito na parte fisiológica, nos estereótipos, nas delimitações corporais, no binário, sexo feminino e masculino. "*Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo*" (Foucault, 1987:20), será que a educação caminha para o caminho que é a autonomia do sujeito? Se queremos jovens estudantes que são inculcadores de ideias subjetivas, tem-se que transformar a educação e pensar de uma forma muito diferente, sair deste modo tradicionalista, marcados pelos sulcos do pré-conceito. Falar apenas de órgão reprodutor, essa delimitação de corpo fisiológico, não engloba todas as curiosidades dos alunos, por isso é preciso não somente tratar este assunto como suficiente, pois estes órgãos quanto excitados provocam reações que também devem ser tratados com informações adequadas. Se o estudante chega na escola cheio de dúvidas, e o mesmo é embarreirado, como poderá sanar suas dúvidas? Se além da família, a outra maior referência é a escola. Ao contrário do que se pensa, a escola deve promover o conhecimento ao aluno, "aproveitar" o alicerce que ele está no momento, e se estiver correto, deve se dar prosseguimento à construção da ideia, e se a base estiver mal construída, deve se derrubar e começar uma nova construção. O conhecimento deve ser repassado para o aluno, promovendo o bem estar e conceitos relacionados a saúde.

A criança é marcada pelo binário masculino e feminino, porém ao crescer sua identidade sexual vai se construindo, sua identidade sexual psicológica é construída paulatinamente, aonde ao chegar na adolescência irá conflitar suas imbricações. É importante que o educador se prepare a todo momento para falar sobre a sexualidade, pois ao incluir-se como dever da escola e da família falar sobre o assunto, o aluno ao ser negligenciado, poderá até se apropriar de informações errônea e não chegar a uma conclusão de identidade.

O presente trabalho pretendeu contribuir para um novo pensar pedagógico em relação a prática docente dos professores de ciências naturais em relação ao assunto sexualidade, e que estes professores se conscientizem que os estudantes procuram na escola na maioria das vezes. Informações não tem em suas casas.

## **Objetivos**

### **Gerais:**

- Conhecer sobre as possíveis limitações e dificuldades dos professores de Ciências naturais ao ensinar sobre sexualidade.

### **Específicos:**

- Verificar a compreensão de professores quanto ao assunto sexualidade;
- Analisar o quanto o professor se sente à vontade em falar sobre o assunto;
- Verificar o quanto os professores de ciências naturais se sentem limitados ao falar do assunto sexualidade.

## **Justificativa**

Este trabalho teve a finalidade de investigar e esclarecer um pouco mais sobre como é repassado o assunto sexualidade no ensino fundamental II, uma vez que muitos adolescentes ouvem este assunto pela primeira vez na escola, muitos deles vêm de suas casas apenas com as informações de seus familiares, informações estas que podem ser desde punitivas até as mais liberais possíveis, desta forma é necessário que o professor como um dos principais elementos na formação de vida do indivíduo, ajude esclarecer estes assuntos aos adolescentes que estão vivendo esta fase, considerada ainda tabu. Uma vez que os professores em muitos casos são procurados pelos estudantes para tirar suas dúvidas pelo nível de confiança que terão informações “corretas”, é preciso que os mesmos não tenham limitações seja elas pessoais, religiosas, entre outras, para tirar as dúvidas dos estudantes.

## **Metodologia**

Este trabalho foi realizado através de pesquisa qualitativa, foi aplicado questionário em seis escolas da rede pública. As escolas foram escolhidas aleatoriamente, sendo três escolas em Planaltina DF, e três escolas no Paranoá DF, perfazendo um total de seis professores da disciplina de Ciências Naturais do ensino fundamental II, de 5ª a 8ª série (6º ao 9º ano), sendo que o instrumento de pesquisa foi um questionário (com dez perguntas objetivas – apêndice) referente ao assunto sexualidade. Dos seis professores entrevistados, três têm formação em biologia e três tem formação em ciências naturais. Inicialmente foi solicitado à direção da escola autorização para distribuição do questionário para professores da área de Ciências Naturais. Após a aplicação do questionário as respostas foram analisadas de forma qualitativa, comparando-as com a bibliografia existente sobre o tema.

As escolhas destas escolas sendo em Planaltina e Paranoá DF, é justamente por comporem áreas de maior reincidências de DST's segundo dados da secretaria de saúde do Distrito Federal, e também de gravidez na adolescência que pode está intrinsecamente ligado a falta de informação na sala de aula, ocasionado por limitações de professores.

## Resultados e discussões

A seguir serão apresentadas as questões que compuseram o instrumento de pesquisa e que foram respondidas pelos seis professores.

A primeira questão foi **Você fala sobre o assunto sexualidade em sala de aula? Em que momento?**

Quando questionados se falam sobre o assunto sexualidade, todos os seis professores responderam que sim, e os momentos variaram desde o momento em que entram no assunto no 8º ano do ensino fundamental referente ao sistema reprodutor até o surgimento da dúvida dos estudantes em momentos diversos. Segundo Favero, 2017: “Sexualidade é uma característica geral experimentada por todo o ser humano e não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os explicitamente sexuais. Pode-se entender como constituinte de sexualidade, a necessidade de admiração e gosto pelo próprio corpo por exemplo, o que não necessariamente signifique uma relação narcísica de amor incondicional ao ego”.

O mais curioso é que os professores responderam em sua maioria, que o assunto surge também em situações esporádicas e são discutidas em momentos isolados. É importante ressaltar que a adolescência, segundo a OMS (Organização mundial da saúde), caracteriza a vida dos 10 aos 19 anos, e segundo o ECA (estatuto da criança e do adolescente), a adolescência se inicia nos 12 anos de idade e se encerra aos 18 (BRASIL, 2010). Levando em consideração que os estudantes efetivamente veem este assunto apenas no 8º ano quando se fala do corpo humano e a maioria está com 13 anos de idade seguindo o fluxo da idade/série.

A segunda questão foi: **Quais assuntos você trata em sexualidade?**

Quatro dos seis professores entrevistados ressaltaram o assunto em relação aos órgãos reprodutores, ou seja, a sexualidade no ensino fundamental como assunto principal é o sistema reprodutor. Lembrando que os livros didáticos fazem uma breve abordagem sobre sexualidade, sendo muito superficial no viés da interação social, afetiva e emocional no início do capítulo, geralmente o assunto discorre ao longo do contexto sobre o aspecto morfofisiológico. É importante saber que este assunto é muito amplo e abarca vários pontos, tais como: ato, prazer, afeto, convivência, diferença, orientação, entre outros. É preciso que os profissionais não se fadem a falar

apenas do ato como forma de reprodução humana. Ainda mais que na puberdade é onde a sexualidade se afirma formando a identidade sexual do adolescente, colocando suas dúvidas em crise para se afirmarem nas explicações e informações estas repassadas pela escola por intermédio do educador:

“A sexualidade é portanto elemento significativo na formação da identidade do adolescente manifestada por múltiplas identificações como da imagem corporal, da descoberta do outro como objeto de amor ou desejo e da descoberta de si e das relações com os familiares, grupos e profissionais.” (VITALLE *et. al.* 2017, pág. 14).

Por este motivo é necessário destacar a importância dos significados em relação à sexualidade para os estudantes do ensino fundamental II que estão justamente entrando na fase das decisões.

A terceira questão abordou se **Existe algum tópico dentro do assunto sexualidade que não é falado? Por que?**

De seis professores, três professores (50%) disseram que existem tópicos e três (50%) disseram que não existem tópicos que não são falados. Os que falaram que não existe barreira para o assunto, destacaram tópicos que surgem pelos estudantes tais como Dst's, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, aborto, orientação sexual, gênero, entre outros. É importante ressaltar que durante as análises dos questionários, os professores delegam o assunto aos estudantes, de forma que mesmo que falem sobre, fica evidente que ficam esperando que o assunto parta dos estudantes para muitas vezes falar de forma mais aberta sobre o mesmo. Se o estudante for tímido por exemplo, e não tiver acesso à informação, este ficará sem saber o que acontece com sua sexualidade na puberdade. Muitos estudantes não têm informações em casa e quando chegam à escola pode simplesmente se deparar com professores que não irão falar sobre o assunto. Ou simplesmente irão falar de sexualidade como forma de reprodução e perpetuação das espécies.

“A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.” (BRASIL, 1998, p. 117).

O ser humano tem suas motivações intrínsecas ligadas ao seu desenvolvimento psicológicos que devem ser levados em consideração.

A quarta questão abordada foi: **Em sua opinião qual disciplina quem deve falar de sexualidade?**

Dos seis professores entrevistados: quatro disseram que o assunto deve ser tratado pela disciplina de ciências naturais e dois (33%) disseram que deveria ser tratado o assunto em todas as disciplinas. A interdisciplinaridade é importante que se faça presente no meio escolar e acadêmico, pois a sexualidade por exemplo pode ser uma ferramenta de estudo para ser trabalhada em português num romance ou até mesmo em pequenos fragmentos literários. Em matemática utilizando como exemplo a porcentagem de áreas endêmicas das DST's, em geografia as regiões administrativas do Distrito Federal com os índices de maior incidência de adolescentes grávidas. Assim como outras disciplinas, os professores independentemente de suas matérias devem ter consciência que a escola é um local de debate e orientação, e que o trabalho pela construção do conhecimento do estudante deve ser elaborado em conjunto para formação do cidadão em sua integralidade. A escola é o palco onde a sexualidade se manifesta, onde o contato com os demais da mesma idade e os mesmos sentimentos em comum estão aflorando, é neste meio que se produzem comportamentos que instigam o adolescente a procurar informações e superar, ou simplesmente retrair suas dúvidas. Segundo os PCN's de orientação sexual (1998):

O papel de problematizador e orientador do debate, que cabe ao educador, é essencial para que os adolescentes aprendam refletir e tomar decisões coerentes com seus valores, no que diz respeito à sua própria sexualidade, aos outros e ao coletivo, consciente de sua inserção em uma sociedade que incorpora a diversidade (Brasil, 1998, p. 302).

A escola, bem como os orientadores que ali estão, não podem fugir da responsabilidade enquanto agentes do estados que em contrapartida são exatamente contratados para repassar estas informações específicas.

A quinta questão abordou sobre o **dever dos pais e/ou da escola falar sobre o assunto?**

Dos seis professores entrevistados, todos (100%) disseram que é obrigação da escola e dos pais falar sobre o assunto. Quatro dos professores ressaltaram a importância dos pais começarem a esclarecer as dúvidas em casa. Vale ressaltar que os estudantes trazem de suas casas várias dúvidas, carregadas de preconceitos e



opiniões enraizadas pelo meio cultural em que estão inseridos. Levando em consideração que muitos destes estudantes buscam informações pela primeira vez concretamente na internet, aonde muitas vezes as informações não são filtradas para esclarecer tais dúvidas. As mídias colocam as informações de modo equivocado para os estudantes, porém os pais destes, deveriam aproveitar o momento para explicar que não é necessariamente daquela forma que ocorre o processo da sexualidade, expondo a realidade que o estudante vive para comparar com o que está sendo mostrado na mídia. Segundo Vidal, 1985:

“Hoje, não se faz mais necessário tratar o assunto com tabu, já que a mídia o transforma em mercadoria de fácil consumo, [...] é de grande importância que a sexualidade seja tratada com naturalidade, mas de maneira séria e real.”  
(VIDAL, 1985, pág, 110)

Recorrer aos colegas para ter informações tornou-se uma situação “normal” para os adolescentes, pois como estão na mesma faixa etária, se sentem mais à vontade para “esclarecer” suas dúvidas, uma vez que estão passando pela mesma trajetória. Alguns pais ainda vêem a sexualidade como um tabu para conversar no âmbito familiar, e não vê também a sexualidade como parte essencial para formação do ser humano em sua integralidade. Segundo os PCN Orientação sexual (1998):

“Para alguns, as crianças são seres “puros” e “inocentes” que não têm sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem conotações de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve à má influência de adultos.” (BRASIL, 1998, Pág, 296)

Muitos pais tiveram uma criação conservadora em que o assunto era reprimido, e conseqüentemente repassam para seus filhos; assuntos como prazer, ato sexual, a afetividade ainda são omitidos e mantidos em silêncio em vários lares. Lopez afirma:

“Em todo caso, deve-se fazer um esforço para encarar as informações relacionadas ao sexo de forma objetiva, com a convicção de que o ocultamento só leva a concepções errôneas, com conseqüências negativas para o próprio equilíbrio psíquico e para as relações sociais.” (LOPEZ, 1999, pág, 107)

Quando pensamos na escola, é importante saber que ela tem o papel importante e não pode negligenciar a informação, assim os estudantes poderão entender com mais clareza e conseqüentemente ter uma vida sexual mais saudável desde sua puberdade. Segundo PCNs (1998, pág. 297) “A escola sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a

interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade”. A escola para muitos estudantes chega ser o refúgio de suas especulações sexuais, o adolescente na puberdade é muito curioso em relação aos seus desejos sexuais, e não apenas está ligado a execução do ato sexual, mas também aos estereótipos que estão a sua volta. Os professores não devem ficar à margem do assunto, e sim fazer com que os estudantes falem à medida que os interesses sobre o assunto surjam, sempre respeitando o limite dessas curiosidades.

A questão de número seis aborda que: **Sabemos que o assunto sexualidade nem sempre é tratado na escola, como deveria, existe alguma barreira que impeça essa informação?**

Dos seis professores questionados dois apenas responderam concretamente ao questionamento onde um disse que não há barreiras e que a escola deve falar sobre o assunto, e outro disse que há sim uma barreira onde os professores também vem carregados de preconceitos e opiniões formadas sobre o assunto, desta forma os professores evitam falar sobre o assunto deixando quase sempre o assunto para a disciplina de ciências naturais. Os demais professores disseram apenas que existem barreiras. Falar sobre o sexo é de suma importância, e ainda mais que muitos estudantes têm dúvidas referentes às DST's, preservativos, o corpo humano, gravidez, anticoncepcionais, entre outros. Os demais professores ressaltaram os meios em que os estudantes utilizam para chegar as informações sobre sexualidade, as formas mais errôneas possíveis como, por exemplo: a televisão, a internet, a música, revistas e outros meios. Segundo Almeida e Assis (2010, pág.203.)“Na mídia, o discurso da sexualidade passa a ser discutido nas novelas, no programa dos debates de rádio e da televisão, nas notícias de jornais e revistas e mesmo na internet, aonde tem como mote a discussão em torno de como fazer sexo”. E assim alguns profissionais se fadaram a falar apenas de sexo para reprodução, deixando de lado a parte que fala do prazer, pois este está intrinsecamente ligada às reações do corpo.

A sétima pergunta, questiona ao professor o seguinte: **Você já falou com seus alunos como acontece o ato sexual? Se sim, como foi essa experiência?**

Todos os seis professores questionados disseram que já falaram com os seus alunos como ocorre o ato sexual. E foi unânime quando disseram que os estudantes ficam bastante agitados quando se fala sobre o assunto, um dos professores ressaltou

a importância de fazer alguns combinados antes de começar falar sobre o assunto, pois é muito importante que se delimite os espaços para indagações e que esta tenham cunho pedagógicos. Apesar de alguns estudantes irem para a escola dispostos a falar sobre o assunto, há também estudantes que evitam falar sobre o assunto devido as cargas culturais promovidas pela família, meio social, cultural, ... em que estão inseridos. Levando em conta que a maioria das vezes a escola fala de ato sexual apenas como função reprodutiva, dando ênfase ao morfofisiológico. “A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos.” (BRASIL, 1998, p. 117)

Os professores também devem buscar informações em que distingue o ato sexual da sexualidade, pois a medida que a sexualidade consegue incorporar sua identidade, o ato sexual torna-se consequência desta construção. Falar que os órgãos genitais existem e suas funções como excretor, a escola sempre deixa bem claro, porém estes órgãos também reagem a estímulos, bem como o psicológico da pessoa envolvida na relação deve estar em perfeita construção, pois para os adolescentes, a primeira relação sexual pode ser frustrante pelo nervosismo, suas conexões neurais se ligam a medida que a situação vai acontecendo e simplesmente pode ocorrer uma ejaculação precoce, ou a adolescente não ter líquido suficiente para lubrificar e a situação ir ficando cada vez mais tensa. Então é preciso que o professor fale sobre este assunto e que deixe claro que não é um tutorial de como fazer sexo, mais sim deixar o adolescente consciente do funcionamento do seu próprio corpo. Segundo Lopes e Gusso:

“Didaticamente, o adolescente pode ser orientado que o melhor momento seria quando “a transa não causar dor no coração, na consciência, no cotovelo ou na cabeça”. Esse processo mnemônico orienta aos profissionais sobre quais campos conversar, para empoderar o adolescente na sua escolha, ou seja, que decida considerando seus sentimentos (“coração”), seus valores (“consciência”), seus relacionamentos (“cotovelos”), e suas preocupações (“cabeça”). (LOPES e GUSSO, 2012, pág, 598)

Desta forma o profissional da educação tem a responsabilidade de repassar informações e conhecimentos, deve deixar claro aos estudantes que o corpo e mente funcionam de forma harmônica. Por este motivo é de grande importância que os

professores deixem claro para os estudantes que o corpo passa por transformações químicas onde o mesmo libera vários hormônios durante o ato, tais como o estrógeno na mulher e a testosterona no homem, bem como a adrenalina que é responsável por aquele “friozinho na barriga”; a endorfina é a causadora da satisfação e prazer. Desta forma é importante que os professores entendam que o assunto sexualidade é extenso e que em suas explicações, pode-se trabalhar vários assuntos das ciências naturais no ensino fundamental II. De acordo com os PCN's:

[...] possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema através de formação continuada, questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens. (BRASIL, 1998, p. 31).

É necessário que o profissional tenha um preparo para falar sobre o assunto, pois o estudante irá transformar sua cognição, afetividade e conseqüentemente a responsabilidade com o seu corpo.

A oitava questão trata justamente de um assunto que ainda é tratado superficialmente na escola, deste modo foi perguntado aos professores o seguinte: **Doenças sexualmente transmissíveis são ditas em aula que existem, porém o professor explica na íntegra como ocorre a transmissão?**

Um dos assuntos mais falados em sala de aula é sobre as DST's, 100% Dos professores disseram que fala sobre o assunto. Citam alguns tipos como a AIDS, sífilis, gonorreia, herpes, candidíase, hepatite B, entre outras. A adolescência é marcada pela idade em que não se faz previsão das conseqüências dos atos. Porém é preciso informar que algumas doenças se tornam crônicas e o sujeito terá que viver com ela o resto de sua vida com controle apenas por meio de antibióticos.

É necessário que os professores falem com mais abertura quando estiver falando de sexualidade, que as transmissões podem ocorrer de maneira mais simples possível como por exemplo: compartilhamento de higiene pessoal, roupas íntimas mal higienizadas, manipulação de infectantes como seringas e cortantes, bem como em um ato sexual por meio de via oral ou genital sem proteção, informações precárias dos parceiros, as coisas podem tomar rumos bastante complicados. As DST's muitas

vezes não têm forma ou são demonstradas olhando para a pessoa portadora, então é sempre necessário que se fale para o estudante que ao se relacionar com outra pessoa, antes que aconteça o ato sexual é preciso que os mesmos vão a um local de saúde procurar as devidas informações para poderem praticar um ato saudável e responsável. Este assunto é delicado e pede para que o educador crie um ambiente propício para discussão, um ambiente de confiança, onde as quebras de tabus e as falsas informações sejam desmistificadas. Um bom começo é mostrando os índices gráficos para que os estudantes possam visualizar o atual cenário de uma forma mais concreta. Quando se fala de DST's os jovens associam logo a aids, que segundo o site do ministério da saúde: "Na faixa etária dos 20 aos 24 anos, a taxa de detecção subiu de 16,2 casos por 100 mil habitantes, em 2005, para 33,1 casos em 2015". Essa fração da sociedade com infecção nesta idade pode ser reflexo de uma falta de instrução anteriormente. Vale ressaltar que também há falta de informações quanto as demais DST's que também tem alto índice como apontam os dados do ministério da saúde: "A sífilis adquirida teve um aumento de 32,7%, a sífilis em gestantes 20,9% e congênita, de 19%. Em 2015, o número total de casos notificados de sífilis adquirida no Brasil foi de 65.878. No mesmo período, a taxa de detecção foi de 42,7 casos por 100 mil habitantes e a maioria são em homens, 136.835 (60,1%). No período de 2010 a junho de 2016, foi registrado um total de 227.663 casos de sífilis adquirida". É preciso também que o estudante forme suas opiniões e comece a ver as situações de um modo crítico e que possa filtrar as informações que chegam até eles de forma mais concreta.

A nona questão que foi colocada justamente por constar como dever do professor foi: **Orientação Sexual é assunto do PCN, este assunto é abordado em sala de aula? Como?**

Dos seis professores entrevistados, todos disseram que falam sobre o assunto de acordo com a demanda dos estudantes, pois muitos destes vem de sua casa reprimidos sobre este assunto. O que pode ser uma preocupação é justamente o professor "deixar que o assunto surja", pois este assunto é amparado por lei e deve ser falado nas escola. Os estudantes ao falarem sobre este assunto, buscam várias respostas às suas dúvidas de modo que não querem ser criticados ou reprimidos, já que muitos deles já sofrem esta ação em suas casas, vizinhanças ou até mesmo a

sociedade de um modo geral dependendo o meio em que está inserido. A sexualidade dos indivíduos está ligada há uma diversidade enorme, onde cada sujeito identifica-se de uma forma diferente. Segundo FURLANI, 2007, p. 273:

[...] Assim, a identidade só fará sentido numa cadeia discursiva de diferenças: “o que ela é” será totalmente dependente “daquilo que ela não é”. [...] Aspectos esses indispensavelmente questionáveis na Educação Sexual que busca problematizar o sexíssimo, a misoginia, a homofobia, as diversas formas de preconceito e exclusão.

Orientação sexual, é um assunto ainda de muito tabu nos espaços escolares, pois a própria palavra orientação já vem carregada de seu significado de guiar algo ou alguma coisa de direcionar a algo, então neste caso o professor não orienta, e sim educa sobre o assunto. Estas informações que muitos alunos buscam e tem medo de exposição por suas escolhas, devem ser minimamente sanadas e não deixar que as convicções pessoais do profissional a frente daquele estudante se sobressaia. O PCN diz que:

Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo estado. (BRASIL, 1998, p. 295)

Lembrando que a puberdade acontece exatamente no período que estudante está saindo dos anos iniciais para o ensino fundamental II, e que seus hormônios começaram a fazer que seus corpos reajam de uma forma diferente, e é a partir do contato com o outro, que os estudantes formaram suas identidades sexuais, levando isto para o âmbito psicológico e identidade de gênero. As práticas exploratórias do corpo o qual irá compor uma sociedade de diversidade, irá ocorrer desde a infância, e é de suma importância que os pais também estejam preparados para construção de identidade de seus filhos. Para tal, os PCN (2010, pág., 12) trazem que:

Os adultos reagem, de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratório que a criação faz na região genital e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou julgamento do mundo adulto em que estão imersas, permeado de valores e

crenças atribuídos a sua busca de prazer, os quais estarão presentes na sua vida psíquica.

Desta forma a orientação sexual como tema transversal, deve estar contextualizado e sempre trabalhado de forma integrada com outras disciplinas. Pois o meio a todo momento está sofrendo e passando por transformações onde os estudantes precisam de informações mais concretas e não fiquem com dúvidas pairadas no ar em relação as suas construções de identidades que no futuro irão repercutir em suas decisões enquanto política de vida. Orientação sexual vai muito além de ato sexual e se relaciona bem mais com o estilo de vida que o ou a sujeito, pretende caminhar em relação aos seus afetos, construção social, cultural, psicológico, entre outros.

A décima pergunta questiona justamente a falta de informação como: **Gravidez indesejada, as vezes é uma falta de informação quanto ao método de prevenção. Você fala acerca de métodos contraceptivos? Quais?**

Dos seis professores questionados, todos disseram que falam sobre métodos contraceptivos, citando assuntos como métodos de contracepção cirúrgico, de barreira e comportamental. Ao se falar de gravidez indesejada, não se pode falar apenas das mulheres, mas também dos homens, pois a maioria das vezes esse tipo de prática está relacionada a falta de informação de prevenção por ambas as partes. Durante a adolescência os jovens tomam atitudes que podem ser muito arriscadas como por exemplo a prática da relação sexual sem proteção alguma. Dentro do assunto sexualidade, é possível perceber durante a conversa com alguns professores que estes tratam o assunto sobre contracepção como se fosse um conteúdo à parte. Levando em consideração que gravidez indesejada acontece com mais frequência na adolescência, se faz necessário que os estudantes tenha informações mais concretas em relação este assunto. O primeiro método contraceptivo tratado em sala de aula é o preservativo, mais é necessário que os professores enfatizem que é de suma importância o seu uso, e que frisem bem utilizando estatísticas que mostram o aumento de DST's pelo não uso do mesmo. Segundo pesquisa feita pela editora Abril saúde na revista eletrônica (2016): "52% dos brasileiros nunca ou raramente usam preservativos, 10% utilizam às vezes e só 37% se protegem sempre ou frequentemente". Em seguida a pílula anticoncepcional e a pílula do dia seguinte que

também é repassada as informações apenas para evitar gravidez, e esquecem que ao ter relação sexual sem preservativo, outras consequências vem à tona como coloca a pesquisa da editora Abril saúde na revista eletrônica (2016): “Elas estão mais preocupadas em evitar a gravidez do que com as consequências de ter uma relação desprotegida”. Se for analisar a situação em relação a estes métodos mais comentados, é possível ver que são tratados de forma imediata como métodos paliativos. Então, a escola como palco de conhecimento e questionamento, deve falar sobre o assunto sem tabu, mesmo sabendo que os estudantes vêm de casa com vários preconceitos em relação ao assunto, é preciso que estes sejam intensificados para que o fechamento sobre as informações no tocante da sexualidade sejam encerradas de forma que os estudantes construam sua identidade, e uma vida sexual saudável e consciente. Um estudo feito pela seguradora caixa seguros em consonância ao ministério da saúde, em 2014 com 1.208 jovens de 15 estados do Brasil, mostra: “Ao todo, 91% dos jovens entrevistados já tiveram relação sexual; 40% não consideram o uso de camisinha um método eficaz na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) ou gravidez; 36% não usaram preservativo na última vez que tiveram relações sexuais; e apenas 9,4% foram a um centro de saúde nos últimos 12 meses para obter informações ou tratamento para DST”. Logo percebe-se que os jovens que praticam relações sexuais em grande número mesmo que tenham informações suficientes, não utilizam de um método contraceptivo que até então é considerado o mais seguro.



## Considerações Finais

É possível perceber que a partir das respostas dos professores, no tocante geral, a sexualidade precisa ser mais discutida nos espaços escolares e familiares, a escola não pode negligenciar aos jovens o conhecimento desde suas dúvidas mais simples de como se comportar diante fatos da pré-adolescência até o ato sexual com segurança.

Alguns professores ainda temem em falar do assunto sexualidade, e também não ultrapassam as barreiras do que apenas perguntam os alunos, é certo que os professores não ultrapassem a linha de intimidade dos alunos, mais é preciso que as informações surjam diante as dúvidas dos estudantes para que reflitam e questionem mais. Outro ponto importante durante a análise do questionário foi quando os professores foram indagados em relação aos assuntos que não são falados em sala de aula, e metade (50%) disseram que esperam que os assuntos partam dos estudantes e a outra metade (50%) disseram que falam de todos os assuntos que mesmo que não seja dúvidas dos estudantes acham que seja pertinente o assunto. É necessário que os professores não esperem pelos estudantes, pois o PCN deixa claro que é dever da escola falar sobre o assunto.

Há também demonstração clara que alguns professores ainda não se sentem preparados nos momentos em que são indagados sobre o assunto sexualidade para falar sobre o assunto, pois em suas formações não se preparou o professor para falar sobre o assunto, desta forma, é interessante que o sistema de educação seja no nível municipal, estadual ou federal, disponibilize cursos de formação para os professores que atuam na área de ciências naturais de imediato, uma vez que a função de falar sobre este assunto é sempre delegado a estes professores.

A escola como um espaço de diversidade também tem principalmente tido dificuldade de falar sobre orientação sexual, termo este adotado pelos PCN's, mesmo sabendo que ninguém orienta o outro em relação a sua identidade. Os professores também devem sobressair neste assunto, pois muitos estudantes saem de suas casas com muitas dúvidas afim de ser sanadas em sala de aula, pois muitos estudantes são reprimidos em seus lares quando vão falar sobre o assunto. É preciso que o professor deixe de lado suas crenças, cultura e preconceitos para falar sobre a formação de

identidade e gênero, pois a figura profissional do professor vai contar muito para este jovem que está em formação física e psicológica no começo de sua vida sexual.

O prazer ainda é um mito pois os professores responderam fazendo rodeios assim como os livros didáticos que não se fala sobre o assunto, e mesmo que se fale em ato sexual, este se resume em ato para reprodução e perpetuação das espécies.

Por fim, é preciso que os professores fiquem atentos as políticas públicas relacionadas à saúde, pois muitos jovens ainda chegam a idade adulta sem o mínimo de instrução para ter uma vida sexual ativa saudável, é nítido vendo as pesquisas que no Brasil por exemplo, ainda é alto o índice de doenças sexualmente transmissíveis, por esse motivo é necessário a quebra de tabus onde o professor fale sem restrições de como realmente acontece a contaminação, as reações do corpo e mesmo com todo o libido, a consciência tem que falar mais alto.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ana Paula Evangelista de; ASSIS, Glauber Loures de Assis. A sexualidade como construção social. CS Online – Revista Eletrônica de Ciências Sociais. ano 4, ed. 10. mai./ago. 2010.

AQUINO, Júlio. Sexualidade na Escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus editora, 1997

BORGES, Regina M R. Interatividade e Transdisciplinaridade: na educação científica e tecnológica de jovens e adultos. Porto Alegre, Edipucrs, 2013

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual* / Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL, Estatuto da criança e do adolescente. 7. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição câmara, 2010.

Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/>>. Acessado em 10 de novembro de 2017

Disponível

em:[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controlado\\_doencas\\_sexualmente\\_transmissiveis.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controlado_doencas_sexualmente_transmissiveis.pdf). Acessado em 10 de novembro de 2017

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987

(FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. )

LOPEZ, Jaume sarramona. Educação na família e na escola. São Paulo, Ed. Loyola, 2002

LOPES, J. M. Ceratti e GUSSO, Gustavo. Tratado de medicina de família e comunidade: princípios, formação e prática I e II. Editora Artmed Ltda, 2012.

SAMPRIERI, R. H., COLLADO, C. F., & LUCIO, M. D. (2013). Metodologia de Pesquisa (5 ed.). Porto Alegre: Penso.

## Apêndice



**Universidade de Brasília**

**Faculdade UnB Planaltina**

**Licenciatura em Ciências Naturais**

### Questionário:

1) Você fala sobre o assunto sexualidade em sala de aula?

( ) sim ( ) não

em que momento?

---

---

---

---

---

2) Quais assuntos você trata em sexualidade?

---

---

---

---

3) Existe algum tópico dentro do assunto sexualidade que não é falado? Qual? Porque?

---

---

---

---

---

4) Na sua opinião qual disciplina deve falar de sexualidade?

---

---

---

---

---

5) É dever dos pais, e/ou da escola falar sobre o assunto?

---

---

---

---

---

6) Sabemos que o assunto sexualidade nem sempre é tratado na escola, como deveria, existe alguma barreira que impeça essa informação?

---

---

---

---

---

07) Você já falou com seus alunos como acontece o ato sexual? Se sim, como foi essa experiência?

---

---

---

---

---

08) Doenças sexualmente transmissíveis são ditas em aula que existe, porém o professor explica na íntegra como ocorre a transmissão?

---

---

---

---

09) Orientação sexual é assunto do PCN, este assunto é abordado em sala de aula?  
Como?

---

---

---

---

---

---

10) Gravidez indesejada, as vezes é uma falta de informação quanto ao método de prevenção. Você fala acerca de métodos contraceptivos? Quais? Ensina como usar?

---

---

---

---

---

---